

## Semana da Ciência e Tecnologia: Uma Homenagem a Rômulo de Carvalho / Antônio Gedeão



### Poema da eterna presença

Estou, nesta noite cálida, deliciadamente estendido sobre a relva,  
de olhos postos no céu, e reparo, com alegria,  
que as dimensões do infinito não me perturbam.  
(O infinito! Essa incomensurável distância de meio metro  
que vai desde o meu cérebro aos dedos com que escrevo!)  
O que me perturba é que o todo possa caber na parte,  
que o tridimensional caiba no dimensional, e não o esgote.  
O que me perturba é que tudo caiba dentro de mim,  
de mim, pobre de mim, que sou parte do todo.  
E em mim continuaria a caber se me cortassem braços e pernas  
porque eu não sou braço nem sou perna.  
Se eu tivesse a memória das pedras  
que logo entram em queda assim que se largam no espaço  
sem que nunca nenhuma se tivesse esquecido de cair;  
se eu tivesse a memória da luz  
que mal começa, na sua origem, logo se propaga,  
sem que nenhuma se esquecesse de propagar;  
os meus olhos reviveriam os dinossaúros que caminharam sobre a Terra,  
os meus ouvidos lembrar-se-iam dos rugidos dos oceanos que engoliram  
continentes,  
a minha pele lembrar-se-ia da temperatura das geleiras que galgaram sobre a Terra.  
Mas não esqueci tudo.  
Guardei a memória das trevas, do medo espavorido  
do homem da caverna  
que me fazia gritar quando era menino e me apagavam a luz;  
guardei a memória da fome;  
da fome de todos os bichos de todas as eras,  
que me fez estender os lábios sôfregos para mamar quando cheguei ao mundo;  
guardei a memória do amor,  
dessa segunda fome de todos os bichos de todas as eras,  
que me fez desejar a mulher do próximo e do distante;  
guardei a memória do infinito,  
daquele tempo sem tempo, origem de todos os tempos,  
em que assisti, disperso, fragmentado, pulverizado,  
à formação do Universo.  
Tudo se passou defronte de partes de mim.  
E aqui estou eu feito carne para o demonstrar,  
porque os átomos da minha carne não foram fabricados de propósito para mim.  
Já cá estavam.  
Estão.  
E estarão.

### **Lágrima de preta**

Encontrei uma preta  
que estava a chorar,  
pedi-lhe uma lágrima  
para a analisar.

Recolhi a lágrima  
com todo o cuidado  
num tubo de ensaio  
bem esterilizado.

Olhei-a de um lado,  
do outro e de frente:  
tinha um ar de gota  
muito transparente.

Mandei vir os ácidos,  
as bases e os sais,  
as drogas usadas  
em casos que tais.

Ensaiei a frio,  
experimentei ao lume,  
de todas as vezes  
deu-me o que é costume:

nem sinais de negro,  
nem vestígios de ódio.  
Água (quase tudo)  
e cloreto de sódio.

---

### **Máquina do Mundo**

O Universo é feito essencialmente de coisa nenhuma.  
Intervalos, distâncias, buracos, porosidade etérea.  
Espaço vazio, em suma.  
O resto, é a matéria.

Daí, que este arrepio,  
este chamá-lo e tê-lo, erguê-lo e  
defrontá-lo  
esta fresta de nada aberta no vazio,  
deve ser um intervalo.

### **Poema para Galileo**

Estou olhando o teu retrato, meu velho pisano,  
aquele teu retrato que toda a gente conhece,  
em que a tua bela cabeça desabrocha e floresce  
sobre um modesto cabeção de pano.  
Aquele retrato da Galeria dos Ofícios da tua velha Florença.  
(Não, não, Galileo! Eu não disse Santo Ofício.  
Disse Galeria dos Ofícios.)  
Aquele retrato da Galeria dos Ofícios da requintada Florença.  
Lembras-te? A Ponte Vecchio, a Loggia, a Piazza della Signoria...  
Eu sei... Eu sei...  
As margens doces do Arno às horas pardas da melancolia.  
Ai que saudade, Galileo Galilei!  
Olha. Sabes? Lá em Florença  
está guardado um dedo da tua mão direita num relicário.  
Palavra de honra que está!  
As voltas que o mundo dá!  
Se calhar até há gente que pensa  
que entraste no calendário.  
Eu queria agradecer-te, Galileo,  
a inteligência das coisas que me deste.  
Eu,  
e quantos milhões de homens como eu  
a quem tu esclareceste,  
ia jurar – que disparate, Galileo!  
– e jurava a pés juntos e apostava a cabeça  
sem a menor hesitação –  
que os corpos caem tanto mais depressa  
quanto mais pesados são.  
Pois não é evidente, Galileo?  
Quem acredita que um penedo caia  
com a mesma rapidez que um botão de camisa ou que um seixo da praia?  
Esta era a inteligência que Deus nos deu.  
Estava agora a lembrar-me, Galileo,  
daquela cena em que tu estavas sentado num escabelo  
e tinhas à tua frente  
um friso de homens doutos, hirtos, de toga e de capelo  
a olharem-te severamente.  
Estavam todos a ralar contigo,  
que parecia impossível que um homem da tua idade  
e da tua condição,  
se tivesse tornado num perigo  
para a Humanidade  
e para a Civilização.

Tu, embaraçado e comprometido, em silêncio mordiscavas os lábios,  
e percorrias, cheio de piedade,  
os rostos impenetráveis daquela fila de sábios.  
Teus olhos habituados à observação dos satélites e das estrelas,  
desceram lá das suas alturas  
e poisaram, como aves aturdidas – parece-me que estou a vê-las –,  
nas faces grávidas daquelas reverendíssimas criaturas.  
E tu foste dizendo a tudo que sim, que sim senhor, que era tudo tal qual  
conforme suas eminências desejavam,  
e dirias que o Sol era quadrado e a Lua pentagonal  
e que os astros bailavam e entoavam  
à meia-noite louvores à harmonia universal.  
E juraste que nunca mais repetirias  
nem a ti mesmo, na própria intimidade do teu pensamento, livre e calma,  
aquelas abomináveis heresias  
que ensinavas e escrevias  
para eterna perdição da tua alma.  
Ai Galileo!  
Mal sabiam os teus doutos juízes, grandes senhores deste pequeno mundo,  
que assim mesmo, empertigados nos seus cadeirões de braços,  
andavam a correr e a rolar pelos espaços  
à razão de trinta quilómetros por segundo.  
Tu é que sabias, Galileo Galilei.  
Por isso eram teus olhos misericordiosos,  
por isso era teu coração cheio de piedade,  
piedade pelos homens que não precisam de sofrer, homens ditosos  
a quem Deus dispensou de buscar a verdade.  
Por isso estoicamente, mansamente,  
resististe a todas as torturas,  
a todas as angústias, a todos os contratempos,  
enquanto eles, do alto inacessível das suas alturas,  
foram caindo,  
caindo,  
caindo,  
caindo sempre,  
e sempre,  
ininterruptamente,  
na razão directa do quadrado dos tempos.

António Gedeão

## Lição Sobre a Água

Este líquido é água.  
Quando pura  
é inodora, insípida e incolor.  
Reduzida a vapor,  
sob tensão e alta temperatura,  
move os êmbolos das máquinas que, por isso  
se denominam máquinas de vapor.  
É um bom dissolvente.  
Embora com exceções mas de um modo geral,  
dissolve tudo bem, ácidos bases e sais.  
Congela a zero graus centesimais  
e ferve a 100, quando à pressão normal.  
Foi neste líquido que numa noite cálida  
de Verão,  
sob um luar gomoso e branco de camélia,  
apareceu a boiar o cadáver de Ofélia,  
Com um nenúfar na mão.

António Gedeão